

Espaço universitário de educação infantil: memórias e construções

Raios de Girassol¹
Mãe...

Hoje plantei um girassol.
Ainda não sei como ele será.
Muita coisa depende de semente...

Só sei que apertei a terra,
revirei pedrinhas e plantei!

Agora não paro de pensar:
por que gira um Girassol?
Dizem que busca a luz maior.
E maior que ele é o sol.

Sei que, se gira assim buscando luz

é um pouco parecido comigo,
quando giro a cabeça e até o corpo inteiro

buscando voz de mãe, antes mesmo que em mim houvesse luz.

Por que gira um girassol assim tão pequenino?

Será que nasce com este destino?

Mãe... também sou pequenino...

ainda não sei se quero entender de vocação, destinos e giros de girassóis.

Só sei que plantei um para te alegrar.

E quando ele germinar, seja ele como for...

De mãe para filho, de filha para mãe...

A gente brinca com ele de encontrar raios de sol

assim como brincamos de nos encontrar: eu e você,

você e eu, sempre juntos nos giros que a vida dá.

S seja qual for sua relação com crianças, provavelmente reconhecerá que não as olhamos mais como uma plantinha que precisa ser regada, e sim como aquela que semeia e cultiva as suas produções. Esse olhar para a criança foi sendo construído historicamente como resultado dos movimentos sociais em defesa dos direitos da criança, o que muito tem influenciado na implementação de políticas públicas voltadas para a infância.

Nem todas as sociedades se relacionam com a infância da forma

RESUMO

Uma das conseqüências mais diretas da nova legislação é a mudança na forma de encarar o atendimento da criança de 0 a 6 anos, que agora é visto como um direito social, e a criança, que passa a ser vista como cidadã. Esse direito é reafirmado no Estatuto da Criança e do Adolescente (em seu art. 54, inciso IV) e na LDB, lei nº 9.394/96, que reconheceu creches e pré escolas como instituições integrantes do sistema nacional de educação e como parte da educação básica. Este artigo objetiva tecer considerações sobre as conquistas, possibilidades e fatos marcantes do surgimento e existência do Espaço Universitário de Educação Infantil/Creche UFG, bem como estabelecer diálogo entre comunidade universitária, pesquisadores e professores atuantes na educação infantil.

Palavras-chave: criança; educação infantil; Universidade.

como a nossa sociedade o faz. Na verdade, o sentimento de infância², conforme o conhecemos hoje, é recente em termos históricos e foi construído socialmente.

Ariés (1981) afirma que a noção de infância como tempo separado da vida adulta só aparece após o mercantilismo. Antes disso, a criança era vista como um adulto em miniatura e participava igualmente da vida social. Após essa diferenciação, a criança deixa de contribuir diretamente para o sistema produtivo e passa a merecer cuidados e educação diferenciada.

Charlot (1979) afirma que a sociedade elabora uma imagem da criança e designa-a como a "natureza infantil". É hegemônica, na sociedade atual, a imagem da criança como um ser inacabado que, por não dominar a fala, não conseguir cuidar-se sozinha e ter uma lógica de conhecer e viver o mundo diferente do adulto, é colocada em um patamar de inferioridade. Assim, a criança vale pela semente de adulto que carrega dentro de si. Vale por aquilo que ela poderá tornar-se: um bom aluno no ensino fundamental, um trabalhador eficiente etc, não pelo que é hoje.

Contudo, as formas de ver a criança vêm, aos poucos, modificando-se, e atualmente emerge uma nova concepção de criança como criatura e criadora, capaz de estabelecer múltiplas relações, sendo cidadã de direitos, um ser sócio-histórico, produtor de cultura e nela inserido. Na creche da UFG, buscamos superar tal concepção, pro-

curando valorizar a criança pelo que é no presente e tratando-a como um parceiro da jornada da educação infantil.

Várias pesquisas sobre desenvolvimento humano, formação da personalidade, construção da inteligência e aprendizagem nos primeiros anos de vida apontam para a formação inicial necessária requerida para a educação das crianças de até 6 anos.

Além disso, a Educação Infantil recebeu grande impulso com o estabelecimento, pela Constituição Brasileira de 1988, do direito à educação desde o nascimento.

Na medida em que a legislação em vigor estabelece uma série de medidas de proteção à infância, é possível afirmar que um bebê, ao ser concebido, passa a ser alguém que possui mais que um lugar na vida da mãe, do pai ou da família, tornando-se um sujeito de direitos: direito à vida, à saúde, à alimentação, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, ao lazer e à educação. (MACHADO, 2000: 193)

Definida como "a primeira etapa da educação básica", a educação infantil passou a ser parte intrínseca do processo educacional e, conseqüentemente, do sistema de ensino; sendo, desde então incon-

cebível o descaso ou a insuficiente atenção à primeira etapa daquela que deve ser a base da educação do indivíduo.

A Lei de Diretrizes e Bases – (LDB, 1996) traça claramente as finalidades desse nível de ensino como “o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em que seus aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais, complementando a ação da família e da comunidade” (seção II, art. 29).

Contudo, a função educativa na creche e pré-escola exige o planejamento de um currículo, específico de atividades. Este deverá considerar e avaliar, na forma de acompanhamento e registro, tanto o grau de desenvolvimento da criança, quanto os conhecimentos culturais básicos a serem por ela apropriados.

Conquistas iniciais

A luta por creches nas universidades federais inicia-se na década de 1970, desencadeada por movimentos sociais, principalmente o movimento feminista e sindical, que reivindicam o atendimento à criança na faixa etária de 0 a 6 anos. Um importante argumento a favor da criação das creches universitárias foi o da legalidade, com a evocação do cumprimento de alguns direitos já conquistados na legislação.

A criança vale pela semente de adulto que carrega dentro de si.

Raupp (2002) afirma que da década de 1980 até 1992 constitui a fase de expansão das creches universitárias, com a criação de 15 novas unidades. De acordo com essa autora, essa expansão foi um reflexo do Decreto n. 93.408, de 10 de outubro de 1986, que assegura aos filhos de servidores dos órgãos da administração federal atendimento em estabelecimentos próprios, como parte da estrutura do órgão ou mediante licitação de serviços de instituições particulares. Reconhece-se, pois, como a principal consequência dessa e de outras conquistas legais que “a creche no local de trabalho passa a ser um

direito trabalhista para os filhos de servidores dos órgãos e entidades da administração federal direta e indireta e das fundações”.

O contexto permanece favorável à expansão das unidades de educação infantil nas universidades até a publicação do Decreto n. 977, de 10 de novembro de 1993, que proíbe a criação de novas unidades. Depois desse decreto, apenas mais três unidades, cujos processos já estavam em desenvolvimento, foram criados.

Desde o surgimento das primeiras creches universitárias, a gestão do financiamento para a educação infantil é uma luta que se apresenta em todos os níveis de governo. A dificuldade decorre do não estabelecimento de políticas públicas para esse setor educacional, que carece de definição quanto à garantia de seu funcionamento e financiamento.

A Creche/UFG, criada em 1989 pela equipe do Serviço Social, só passou a funcionar em 1991. Atualmente, constitui um espaço de Educação Infantil destinado a crianças de zero a quatro anos de idade, filhos de servidores técnico-administrativos, docentes e estudantes da UFG. Sua proposta pedagógica baseia-se na compreensão da Educação Infantil como campo de conhecimento em permanente evolução, que tem sua especificidade e cumpre duas funções indissociáveis: educar e cuidar.

Os poucos recursos financeiros e, posteriormente, o corte definitivo do financiamento da assistência universitária, aliados à escassez de pessoal técnico-administrativo, são marcas na vida da Creche/UFG. Como um projeto do Serviço Social, iniciou suas atividades com um corpo de servidores formados através de captação de profissionais da saúde, da assistência e de outros setores dentro do próprio quadro da UFG e de trabalhadoras contratadas pela Fundação de Apoio à Pesquisa–FUNAPE. Não teve desde o começo, um quadro exclusivo, do ponto de vista da alocação de vagas. A creche ficou sempre à mercê de disponibilidades internas e, nos últimos anos, passou a depender principalmente de acadêmicos estagiários para as atividades pedagógicas.

As dificuldades financeiras sempre permearam o cotidiano da creche. Várias foram as tentativas de minimização desse problema. Para tanto, foram firmadas parce-

rias com a associação de pais, secretaria de educação do município, sindicatos das categorias, entre outras entidades e organizações. A manutenção desta importante conquista social só tem sido possível graças ao esforço dos gestores da UFG em destinar parte dos recursos de arrecadação de taxas acadêmicas e outros recursos, próprios da universidade, para esse fim.

No entanto, a evidência do trabalho realizado pelas equipes da creche e da PROCOM e a busca constante na correção dos rumos têm propiciado perspectivas alvissareiras. A aproximação com o CEPAE possibilita a disponibilidade de um docente de tempo integral para a direção e a determinação da administração superior de lotar uma professora e uma técnica em assuntos educacionais na creche. Isso indica, de forma indiscutível, um novo patamar de possibilidades, apesar das inúmeras dificuldades administrativas e financeiras que permanecem.

Evidência da Pesquisa

Em busca de consolidar parcerias com as unidades acadêmicas, a creche encontrou na pesquisa um instrumento de interação. Partindo de uma compreensão mais ampliada e crítica da infância, muitos estudos têm sido realizados no sentido de produzir e aprofundar os saberes da educação infantil. Atualmente, encontram-se em andamento as seguintes investigações:

Pedagogia da educação infantil na Creche da UFG: limites e possibilidades.

Os objetivos gerais da pesquisa são os de contribuir para a consolidação e aprimoramento de uma pedagogia da educação infantil e ampliar a formação acadêmica e profissional de professores e acadêmicos envolvidos.

Leitura de Colo: primeira biblioteca?

Este projeto busca contribuir para a articulação teórico-prática, através da observação e da análise do trabalho com a leitura literária e literatura oral (“contação” de histórias) realizado na creche da UFG e das reflexões suscitadas durante o curso de licenciatura em Letras e em Educação Física. Visa ainda a propiciar a incorporação do texto lite-

rário às práticas cotidianas da Educação Infantil, reconhecendo a obra literária como uma das variáveis de constituição da experiência humana.

Espaço para ser criança

O ambiente físico e os arranjos espaciais existentes na creche requerem especial atenção e planejamento, pois a criança empresta ao ambiente físico importante significação, que pode provocar-lhe ou curiosidade, irritabilidade ou calma, atividade ou apatia. Todo o contexto ambiental é um sistema de inter-relações dos vários componentes físicos e humanos que dele participam. Assim,

É preciso deixar o espaço suficientemente pensado para estimular a curiosidade e a imaginação da criança, mas incompleto o bastante para que ela se aproprie e transforme este espaço através da sua própria ação (LIMA, 1989, p. 72).

O Espaço Universitário de Educação Infantil/UFG busca propiciar às crianças ambientes de vida em contexto educativo, oferecer espaços que garantam o imprevisto (e não a improvisação) e que possibilitem às crianças experimentar o convívio com mais variadas diferenças (de gênero, idade, classe, religião, etnia, cultura etc.). Constitui, desse modo, um lugar propício para combater as desigualdades, exercitando a tolerância (e não o conformismo), a solidariedade, a cooperação, a construção da identidade e da autonomia, como comportamento e valores de caráter coletivo.

O espaço é, portanto, o "pano de fundo", a "moldura", como afirma LIMA (1989)

o espaço físico isolado do ambiente só existe na cabeça dos adultos para medi-lo, para vendê-lo, para guardá-lo. Para a criança, existe o espaço-alegria, o espaço-descoberta...

Espaço este em que se pode crescer sem deixar de ser criança, onde se descobre (e se conhece) o mundo através do brincar, das relações mais variadas com o próprio

ambiente, com os objetos e as pessoas, principalmente com as outras crianças.

As descobertas e construções

Em treze anos de funcionamento, o Espaço Universitário de Educação Infantil – Creche/UFG organizou sua proposta pedagógica com base nas discussões coletivas dos profissionais e nas várias assessorias que teve durante sua trajetória, tendo sempre em vista a perspectiva de que a prática pedagógica deverá considerar os saberes produzidos pelas crianças e pelos professores no seu cotidiano. A equipe de profissionais tem buscado aprofundar estudos (individuais e coletivos), recorrendo a alguns teóricos, como: Vygotsky (1998); Kramer (2003); Faria (2001); Oliveira (1992); Kulmann Jr. (1999); e outros. Estes estudos têm um caráter reflexivo, buscando pensar a realidade, e consideram as especificidades das crianças e adultos (famílias, equipe-Creche e pesquisadores) envolvidos no Projeto Político-Pedagógico, que se vai delineando à medida em que se relacionam no decorrer do processo.

Um projeto pedagógico baseado na perspectiva sócio-interacionista implica uma visão de conhecimento como algo a ser construído nos processos de interação, ou seja, as pessoas aprendem na sua relação com as outras, com aquilo que as cerca e também com os valores e crenças do lugar onde vivem, desde o nascimento até a morte. Nessa perspectiva, a criança é vista de forma integrada: seus aspectos cognitivos, afetivos, expressivos, motores e simbólicos não se dissociam e, sim, complementam-se. Cabe, portanto, à creche proporcionar um ambiente propício ao desenvolvimento global da criança nos seus aspectos: físico, afetivo, cognitivo, estético, lingüístico, motor e social.

Esse objetivo materializa alguns princípios que norteiam a atuação das educadoras com as crianças. De forma geral, pode-se dizer que são: o respeito à criança, a valorização de situações de interação, a organização do espaço físico, a medição do adulto e o diálogo.

Além dos objetivos e princípios pedagógicos, a rotina é outro importante elemento norteador das ações de crianças e adultos na Creche da UFG. É a rotina que organiza

os tempos, os momentos de cuidado e de educação. De acordo com a rotina do berçário e dos agrupamentos I, II e III, existem os momentos de cuidado (trocas, refeições, banho, sono), os quais são intercalados com momentos de atividades que podem ser estruturadas ou livres.

Um aspecto relevante da proposta pedagógica da Creche UFG é que ela não funciona com "salas pedagógicas", pelo menos não no sentido físico do termo. Melhor explicando, apesar de cada agrupamento³ ser uma realidade diferente, com duas educadoras de referência⁴, as crianças dos diferentes agrupamentos não ficam separadas em salinhas, como acontece em outras creches ou escolinhas. As crianças e os adultos passam a maior parte do tempo no pátio e nas salas de livros e de brinquedos⁵.

As crianças e os adultos passam a maior parte do tempo no pátio e nas salas de livros e de brinquedos.

Assim, as crianças geralmente ficam juntas, misturadas com diversas idades, formando agrupamentos de acordo com suas afinidades e interesses, livres para explorar o pátio e, em muitas ocasiões, escolher os seus brinquedos favoritos ou o livro que desejam "ler". O papel das educadoras nesses momentos é de mediar as ações das crianças, estando disponíveis para interagir com todas elas, não só as crianças de seu agrupamento específico, quando solicitadas. Além disso, as educadoras também podem propor atividades no pátio, tais como desenvolver brincadeiras, contar histórias, desenhar com giz, brincar na areia e outras. Nesse caso, somente as crianças interessadas naquele momento se aproximam e participam.

Assim, a proposta curricular organiza-se em torno de quatro grandes áreas de interesse das crianças, ressaltando as inúmeras linguagens por elas utilizadas – artes plásticas, música, linguagem, brinquedos e brincadeiras – as

quais se articulam em torno de temáticas retiradas da "escuta" das vivências das crianças.

No âmbito da formação dos profissionais, mensalmente são realizadas as Paradas pedagógicas, estudo de aspectos relevantes para a educação infantil, objetivando a formação continuada dos profissionais atuantes na Creche UFG em intercâmbio com outros espaços de educação infantil.

Um espaço privilegiado é o planejamento semanal, que acontece duas vezes por semana para cada turno, em dias alternados. Esse tempo é essencial para a organização do trabalho pedagógico da instituição, pois é nele que pensamos as atividades, estudamos alguma situação desafiadora, afinamos o "ouvido para escutar" o que as crianças falam, a fim de, a partir dessa percepção, escolhermos o tema gerador. Também é no planejamento que acontecem as ricas trocas interdisciplinares, em que os professores de diferentes áreas contribuem uns com os outros.

Construir uma prática social diferenciada nas instituições de educação infantil torna-se, cada vez mais, um desafio coletivo.

A relação creche-família é articulada na perspectiva do pensamento de Oliveira (1992) quando, ao reconhecer a creche como um dos contextos de desenvolvimento da criança, afirma:

O importante é que a creche seja pensada não como instituição substituta da família, mas como ambiente de socialização diferente do familiar. Nela se dá o cuidado e a educação de crianças que aí vivem, convivem, exploram, conhecem, construindo uma visão de mundo e de si mesmas, constituindo-se como sujeitos (p.64)

É imprescindível, pois, que a família e equipe de profissionais criem mecanismos para momentos

de interação, objetivando pensar formas de complementarem-se como instâncias de vivências da infância. Apesar de algumas dificuldades, a relação com as famílias aponta para um certo nível de aproximação da proposta pedagógica e suas implicações na vida das crianças. O salto qualitativo ocorrerá na medida em que houver maior envolvimento da Associação de Pais e a participação destes em reuniões e oficinas pedagógicas e demais atividades de interação família-creche.

Ao iniciar seus estudos sobre o trabalho realizado na Creche/ UFG, referindo-se a observações feitas para a pesquisa Pedagógica da educação infantil na Creche da UFG: limites e possibilidades, Nunes Pinto (2004) ressalta a incorporação de elementos qualitativamente significativos no que se refere ao projeto político pedagógico:

Entre os principais avanços e conquistas parcialmente alcançadas na Creche da UFG, podem ser citadas: 1. A organização do currículo em áreas de conhecimento (não em disciplinas) e centros de interesse das crianças; 2. a montagem de agrupamentos com crianças mais jovens e as mais velhas; 3. A gênese de um trabalho voltado para a escuta, compreensão e incorporação da voz das crianças aos processos de seleção e planejamento de atividades e rotinas; 4. As tentativas de registro e sistematização das rotinas e das interações que ocorrem na Creche; 5. A busca pela organização do trabalho pedagógico através das reuniões e "paradas pedagógicas"; 6. A busca de articulação e integração de saberes e práticas e 7. A incorporação do cuidar e do educar de forma indissociável. (NUNES PINTO p. 3)

Construir uma prática social diferenciada nas instituições de educação infantil torna-se, cada vez mais, um desafio coletivo. No caso da Educação Básica, esse desafio exige uma postura crítica e reflexiva, no sentido de construir espaços educativos que concretizem a

vivência da infância, pensando espaços que dêem asas à imaginação.

Autoras

- 1 Educadora da creche UFG. Professora CEPAE. Especialista em Educação Infantil.
- 2 Coordenadora da creche UFG. Professora CEPAE. Especialista em Educação Infantil.
- 3 Enfermeira. Pró-Reitora de Assuntos Comunitários/ UFG.
- 4 Educadora da creche UFG. Técnica Assuntos Educacionais da UFG. Especialista em Educação Infantil.

Notas

- 1 Texto escrito por Cléidna Lima, observar educadoras e crianças da creche UFG cultivando mini-girassóis para apresentar as mães, estas que também entendem de germinação (abril 2004).
- 2 Kramer (2003, p. 17) explica que o sentimento de infância não se refere ao afeto que sentimos pelas crianças, mas à consciência da particularidade infantil, seja, aquilo que distingue a criança do adulto e faz que ela seja considerada adulta em potencial, dotada de capacidade e desenvolvimento.
- 3 É bom lembrar que a idade não é o único critério para formação dos agrupamentos, o desenvolvimento da criança também tem um importante papel.
- 4 As educadoras de referência são aquelas que criam laços mais próximos com "suas" crianças e as acompanham mais perto em atividades como troca, escovação de dentes, o banho, refeições, etc.
- 5 O que não quer dizer também que existam espaços diferenciados para cada agrupamento, como é o caso dos banheiros e as salas de sono, no período vespertino.

Referências bibliográficas

- BOBBIO, Pedro V. (Org.). LEX: Coletânea de Legislação Federal e Marginalia. São Paulo: LEX, 1971.
- KUHLMANN JR, Moysés. Educação Infantil e Currículo. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de. PALHARES, Marina Silveira (Orgs.). Educação infantil pós-LDB: rumos e desafios; 2001. 3ª Edição - Florianópolis - SC - 2001
- LIMA, Maymi Souza. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de. PALHARES, Marina Silveira (Orgs.). Educação infantil Pós-LDB: rumos e desafios; Florianópolis: Editora da UFPA, 2001. 3ª Edição - Florianópolis - SC - 2001
- MACHADO, Maria Lúcia de A. Desafios iminentes para projetos de formação de profissionais para educação infantil. Cadernos Cedes, n. 110, jul. 2000, p. 202.
- NUNES PINTO, Rubia - Mar. Pedagogia da educação infantil na Creche da UFG: limites e possibilidades. Pesquisa em andamento. Goiânia, UFG 2004.
- OLIVEIRA, Zilma Moraes Ramos. Creches: crianças, faz-de-conta & Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.